

Associativismo, geração e linguagem: o caso da juventude metalúrgica do ABC Paulista

Agnaldo Dos Santos

Doutor em Sociologia pela FFLCH/USP;
Professor da Diretoria de Ciências Sociais Aplicadas – Uninove;
Pesquisador do Pólis – Instituto de Estudos, Formação
e Assessoria em Políticas Públicas.
São Paulo – SP [Brasil]
agnaldo@uninove.br

Os sindicatos, como tradicionais instrumentos de associativismo da classe trabalhadora, estão encontrando cada vez mais dificuldades em comunicar-se com sua base social jovem, em decorrência das mudanças no mundo do trabalho e nas formas de comunicação que os canais clássicos de participação política adotam para os processos de arregimentação. Discutiremos, neste artigo, as estratégias adotadas pelo Sindicato dos Metalúrgicos do ABC no início desta década, para contornar o distanciamento entre a sua direção e a juventude metalúrgica, por meio de uma comissão de jovens estruturada no interior da instituição e pela utilização da imprensa metalúrgica com linguagem mais renovada.

Palavras-chave: Associativismo. Comunicação institucional. Juventude. Sindicalismo.



1 Introdução

Este artigo apresenta algumas conclusões desenvolvidas em uma pesquisa realizada pelo autor, no Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade de São Paulo, sobre participação político-sindical de jovens trabalhadores das empresas metalúrgicas da região do ABC Paulista, região da Grande São Paulo que abrange as cidades de Santo André, São Bernardo, São Caetano, Diadema, Mauá e Ribeirão Pires. A pesquisa, realizada entre 1999 e 2001, já apontava para as dificuldades que as instituições clássicas de organização política (como os sindicatos, o movimento estudantil, os partidos políticos e os movimentos sociais) encontram para arregimentar e organizar parcelas expressivas da sociedade, notadamente a juventude.

Pesquisas recentes (RIBEIRO; LANES, 2006; AVRITZER; RECAMÁN; VENTURI, 2004) estão indicando que o associativismo no Brasil não está exatamente em declínio, como parte do senso comum acredita e alguns autores procuraram indicar (RODRIGUES, 1999), e sim estão mudando os contornos e as estratégias de comunicação de alguns atores políticos com a sociedade. Essas mudanças estão diretamente relacionadas ao processo de reestruturação produtiva adotado pelas empresas no Brasil desde meados dos anos 1990, à diminuição relativa do mercado de trabalho formal, à ampliação dos meios de comunicação audiovisuais e digitais e à grande onda jovem demográfica vivenciada pelo país no início do século XXI. Essa combinação de fatores favoreceu o declínio das estratégias convencionais de organização que foram amplamente utilizadas pelas sociedades de massas ao longo do século XX e estavam orientadas a um público muito específico: homens adultos e provedores do lar, inseridos no processo produtivo e com interesses de classe comuns, vinculados à sua condição de trabalhadores assalariados ou liberais diante das grandes organizações políticas e econômicas (SANTOS, 2001, p. 67).

A pesquisa procurou problematizar esse tipo idealizado de cidadão e de ator político, buscando verificar como as instituições políticas tradicionais (no caso o Sindicato dos Metalúrgicos do ABC) estavam trabalhando a arregimentação de novos quadros para sua base política, isto é, como estavam “substituindo” uma geração de trabalhadores sindicalizados – aqueles que participaram dos grandes movimentos grevistas de 1978 e 1980 que levaram à bancarrota a ditadura instalada pelos militares em

1964 – por outra mais jovem, que nasceu e cresceu no contexto da redemocratização do País. Nossa hipótese de trabalho era que as instituições políticas tradicionais estão encontrando dificuldades de dialogar com essas novas gerações, pois sua ação política era orientada pelo modelo idealizado de trabalhador acima descrito, e que as expectativas profissionais, assim como sociais e políticas, desses jovens diferiam significativamente das de seus pais. A expressão dessa diferença é notada principalmente na linguagem utilizada pela instituição e naquela adotada pelos jovens. Veremos como o sindicato procura dar resposta a essa questão do afastamento e da linguagem.

2 Atuação sindical e vida política

Compreender os dilemas do associativismo sindical e as transformações no mundo do trabalho pode levar-nos a refletir sobre a relevância das lutas orquestradas pelos trabalhadores na sociedade contemporânea. Em que pese a função estrutural do sindicalismo na moderna economia de mercado, ainda assim, o movimento sindical desempenhou uma enorme resistência à mercantilização da vida promovida pelo moinho satânico de que nos falou Karl Polanyi (1980), em seu livro *A grande transformação*. Singer (1998, p. 120-121) apontou a importância do movimento sindical ao longo do último século, que teria transformado

[...] o mercado de trabalho num monopólio bilateral. O que alterou a relação de força entre capital e trabalho nos mercados de trabalho em que os sindicatos lograram organizar a maioria ou a totalidade dos trabalhadores. [...] É uma hipótese mais do que razoável que o intenso crescimento econômico desse período [os Anos Dourados entre 1945-1973], com algo muito próximo ao pleno emprego, foi em grande parte devido a esta redistribuição da renda em favor da grande massa de assalariados semi-qualificados.

O tema passa a instigar quando lembramos que, a despeito das críticas em relação ao corporativismo e de sua impertinência a uma pretensa regulação automática do mercado de trabalho, o sindicalismo seria uma expressão do movimento associativo dos trabalhadores, que surgiu com o capitalismo sob a égide da contestação, da emancipação e da renova-

ção (CATTANI, 1996). O movimento estudantil, principalmente a partir dos anos 1960, buscava em várias partes das sociedades ocidentais aproximar-se, com freqüência, dos sindicatos, uma vez que os considerava porta-vozes da classe operária. Muitas instituições estudantis procuravam “imitar” a estrutura do movimento sindical, até mesmo se autodenominando “sindicatos estudantis” (GRISSET; KRAVETZ, 1968). Era um momento em que se via com freqüência jovens de classe média desempenhando dupla militância nos grêmios estudantis e nos sindicatos (despertando, aliás, certa desconfiança dos dirigentes sindicais). Um caso representativo dessa tendência foi a participação de jovens estudantes e operários na famosa greve dos metalúrgicos da Cobrasma, em Osasco, em 1968 (WEFFORT, 1972; ANDRADE, 1998).

Contudo, qualquer tipo de militância política hoje – partidária, estudantil ou sindical – parece não ressoar no meio juvenil¹, considerado no senso comum como o *locus* privilegiado de contestação. Um estudo que pretenda discorrer sobre a propensão à participação sindical neste início de século, particularmente no que se refere à realidade brasileira, não pode menosprezar esse segmento da população caracterizada como “jovem”, posto que dessa discussão poderão surgir formas de garantir a sobrevivência da ação sindical no século XXI, já que partimos aqui da suposição de que a crise é real e exige saídas criativas para os interesses organizados da classe trabalhadora.

3 O Sindicato dos Metalúrgicos do ABC

O atual Sindicato dos Metalúrgicos do ABC foi criado com a fusão dos antigos Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema e Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André, em 1993. Sua importância na história recente do país é evidente quando constatamos que o presidente do sindicato no fim dos anos 1970, Luís Inácio Lula da Silva, foi um dos líderes do processo de redemocratização do Brasil na transição da ditadura militar, instaurada em 1964, e um dos fundadores do Partido dos Trabalhadores, que disputou todas as eleições presidenciais desde 1989, tendo sido eleito presidente da República, em 2002, e, reeleito, em 2006. Além disso, a indústria automobilística sempre foi, desde sua instalação no país em meados do século XX, um setor de ponta da economia. As relações capital versus trabalho nesse setor

não só ditavam a dinâmica das mesas de negociação trabalhistas, mas também contribuíam para a modernização das relações políticas do país a partir dos anos 1980. Daí a forte imagem dos homens de “braços cruzados, máquinas paradas” que ficou no imaginário político do país após o ciclo de greves desencadeadas na região entre 1978 e 1980, resultado dessa dinâmica socioeconômica e política do setor e que completa trinta anos em 2008. Entender esse sindicato no novo contexto socioeconômico e político implica compreender como se relaciona com sua base jovem. Era preciso, considerando a importância política dessa instituição, observar como andava a propensão associativista de sua base social na virada do século passado para o atual.

Os dados fornecidos pela secretaria geral do sindicato, referentes ao mês de abril de 2000, apontavam que 75.136 metalúrgicos estavam filiados à entidade. Desse total, 9.391 (12,5%) teriam até 29 anos de idade. Observando as quatro empresas montadoras de veículos que foram selecionadas para a investigação, temos que:

Tabela 1

Empresa	Trabalhadores associados	%
Volkswagem (total)	14.851	100
Sócios até 29 anos	2.856	19,2
Ford (total)	3.487	100
Sócios até 29 anos	584	16,8
Scania (total)	1.516	100
Sócios até 29 anos	301	19,9

Fonte: Secretaria Geral do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, elaboração do autor.

Esse quadro apontava para a existência real (apesar de todos os problemas mencionados quanto a uma crise de arregimentação) de uma “vida sindical” entre os jovens trabalhadores das empresas montadoras. É claro que não devemos levar em consideração tão-somente os números de associação, já que o contingente elevado de associados não garante *per se* um comportamento sindical combativo e atuante; os trabalhadores podem associar-se apenas para usufruir os serviços prestados pela entidade, sem ter em vista a luta sindical (BOITO, 1991). De todo modo, podemos supor que a tradição desse sindicato na região, e particularmente

nas empresas montadoras, garante sua hegemonia entre os trabalhadores da base, incluindo aí os jovens metalúrgicos.

Além do levantamento de dados sobre filiação, buscamos captar tanto a visão que os jovens metalúrgicos tinham da atividade sindical quanto a dos sindicalistas sobre essa parte de sua base sindical. Distribuímos alguns questionários que foram preenchidos e depois devolvidos para análise, com um total de 39 questionários de jovens e 52 questionários de metalúrgicos veteranos. O questionário dos jovens era composto das seguintes perguntas: você participa de outras instituições? A participação juvenil no sindicato é satisfatória? A linguagem do sindicato é apropriada para o público jovem? A militância sindical deve ser prioritária ou conciliada com outras dimensões da vida? A militância sindical atrapalha seus relacionamentos familiares e afetivos? Deve o sindicato realizar atividades específicas para os jovens? O sindicato deve colaborar com os empresários, não deve colaborar ou deve buscar acordos dentro de uma visão anticapitalista? Destacamos abaixo as respostas referentes à participação juvenil e adequação da linguagem da entidade para essa faixa etária.

A metade do total de entrevistados acha que seus companheiros jovens participam integral (11) ou parcialmente das atividades do sindicato (6), indicando uma postura um tanto crítica a eles próprios. Acreditam, por isso, que o sindicato deve desenvolver atividades específicas para eles (38), sendo novamente dividida a opinião quanto à eficácia da linguagem sindical para os jovens metalúrgicos (18, não, e 16, sim). As atividades sugeridas são, majoritariamente, ligadas a práticas esportivas bem distintas daquelas que os veteranos pensam ser as ideais, como logo veremos. Mais da metade dos entrevistados (24) acha que o grau de participação dos jovens oriundos do Senai é maior ou igual ao dos jovens vindos das escolas técnicas.

Os questionários dos dirigentes e ativistas sindicais, por seu lado, levantaram as seguintes perguntas: quando iniciou sua militância? Qual a idade que você considera máxima para chamar alguém de jovem? A participação deles é importante? Tem sido satisfatória? O sindicato consegue despertar interesse nos jovens? Deve realizar atividades específicas e quais? O jovem dos anos 1970/80 era mais participativo?

Apenas um entrevistado não soube responder se a participação dos jovens no sindicato é importante; a maioria acredita que é insatisfatória (35); eles também indicaram que o jovem oriundo do

Tabela 1: Avaliação da participação jovem e do sindicato

Participação satisfatória	
Sim	11
Não	17
Parcialmente	6
Não sabe	5
Total	39
Part. Senai/ETE	
Senai	12
ETE	1
Nenhum	10
Não sabe	4
Semelhante	12
Total	39
Atividades	
Esporte	17
Cultura	8
Todas	13
Não deve	1
Não sabe	0
Total	39
Linguagem sindical	
Apropriada	16
Imprópria	18
Não sabe	5
Total	39
Sindicato deve	
Não questionar Capital	5
Questionar Capital	33
Evitar qualquer acordo	1
Total	39

Fonte: O autor.

Senai participa mais ou da mesma forma que aos trabalhadores formados nas escolas técnicas (19 e 13). É assunto corrente entre os dirigentes que os aprendizes do Senai, pela vivência na empresa, assimilam gradativamente a importância do sindicato. Veremos adiante que os jovens aprendizes julgam insuficiente a divulgação que o sindicato lhes dispensa. Grande parte dos entrevistados reconhece que o sindicato desperta pouco ou nenhum interesse nos jovens metalúrgicos (25 e 15 respostas), portanto deve realizar atividades específicas para esse segmento de sua base (51), que envolvam principalmente cultura e formação político-sindical.

Tabela 1: Avaliação da participação jovem

Participação é	
Muito importante	42
Importante	8
Pouco importante	0
Não sabe	1
Nulo	1
Total	52
Participação jovem	
Satisfatória	13
Insatisfatória	35
Não sabe	3
Total	51
Participa Mais	
Senai	19
ETE	4
Semelhante	13
Nenhum	10
Não sabe	4
Nulo	2
Total	52
Sindicato desperta interesse	
Sim	11
Não	15
Pouco	25
Não sabe	0
Nulo	1
Total	52
Atividades específicas	
Sim	51
Não	0
Nulo	1
Total	52
Quais	
Esporte	4
Cultura	17
Formação	9
Todas	20
Nulo	2
Total	52

Fonte: O autor.

Muito significativo – o sindicato não atrai os jovens, então as atividades a serem desenvolvidas precisam “conscientizar” a juventude metalúrgica; em outras palavras, os jovens precisam adaptar-se ao formato

sindical. Esses dados sugerem que existe de fato uma preocupação com a juventude metalúrgica, mas não parece clara nas respostas a estratégia específica a adotar para atraí-la para a vida associativa, que não recorra à linguagem e aos canais tradicionais. Isso sugere um *gap* cultural e geracional que se está desenvolvendo entre esses trabalhadores.

4 Nova linguagem para a nova base social

Com o objetivo de construir estratégias mais “originais”, o sindicato, desde o início da década, incorpora temas específicos da juventude em suas pautas de negociações com as empresas e incentiva a formação de coletivos jovens na instituição. Para se criar essas estratégias, segundo a *Resolução do 3º Congresso dos Metalúrgicos do ABC – Juventude* (2000), é necessário:

- criar um plano de lutas específico para a busca do primeiro emprego;
- criar programas de educação/formação sindical para jovens, respeitando a heterogeneidade desse segmento (raça, crença, orientação sexual etc.);
- buscar contato com jovens de outros sindicatos ou entidades juvenis para troca de experiências e solidariedade em todas as regiões do Brasil e do mundo;
- manter campanha permanente de sindicalização com linguagem e propostas específicas para a juventude;
- promover um projeto cultural com a juventude.

Um passo para maior aproximação com os jovens metalúrgicos foi a criação da Comissão de Jovens do sindicato, estruturada em julho de 1997, após um seminário com a participação de cinquenta jovens da categoria. Foram traçadas como metas a formação política dos jovens, atividades culturais e de lazer, além da conscientização do jovem para a luta sindical. Depois de algum debate, ficou definido que seriam considerados “jovens”, portanto aptos a participar da comissão, trabalhadores com até 29 anos, uma vez que entenderam que ocorreu nas últimas décadas uma extensão desse recorte etário/cultural.

Além do objetivo permanente de organizar a juventude metalúrgica desde o chão de fábrica, essa comissão estava, àquela época, desenvolvendo duas atividades com um certo destaque: o intercâmbio

com o IG-Metall, sindicato nacional de metalúrgicos da Alemanha, por intermédio de sua secretária de juventude, com o objetivo de trocar experiências sobre o papel dos jovens nos dois países e a reorganização da coluna “O Pulso”, que fora publicada mensalmente na última página do jornal do sindicato *Tribuna Metalúrgica*, entre novembro de 1997 e novembro de 1998.

No início de 1999, ocorreu a festa de lançamento do documentário “ABCD Jovens”, uma produção do sindicato com o apoio do *Centro Internazionale Crocevia* (Itália), em que eram discutidos temas que afetavam a juventude na região (inserção no mundo do trabalho, educação, as diferentes identidades juvenis). Para o lançamento desse vídeo, foi convidado o apresentador de programas de TV, Sérgio Groismann, que elogiou o trabalho e convidou a juventude metalúrgica a participar de seu programa. Isso aconteceu em maio de 99, com a ida de 350 jovens metalúrgicos ao “Programa Legal”, do SBT, que segundo a emissora, conseguiu recorde de audiência naquele dia (“Juventude Metalúrgica do ABC”, 2000). A comissão estava, portanto, procurando utilizar os canais de comunicação que possibilitariam uma linguagem mais “jovial”, facilitando a aproximação com a juventude.

De outro lado, havia a intenção de usar uma linguagem escrita, rápida, para chegar a esses jovens metalúrgicos. Na coluna *O Pulso* procurou utilizar o espaço do próprio jornal do sindicato para se comunicar com esses trabalhadores, buscando conciliar as discussões da categoria com as preocupações do público juvenil, utilizando uma linguagem que consideravam mais “leve” e apropriada. Encontramos, ali, tiras de quadrinhos falando de desemprego juvenil, campanhas promovidas pela comissão, notícias sobre filmes e apresentações musicais, educação, informática, eleições e comportamento.

O que nos chamou particularmente a atenção foram dois números desse informativo que trataram da juventude dos anos 1960 e das drogas. O número 4 trazia um texto com o título *A imaginação no Poder*, relatando os acontecimentos de 1968 na Europa, EUA e Brasil, principalmente sobre as agitações estudantis; logo após, encontravam-se respostas de seis jovens metalúrgicos sobre a pergunta: “O que você lembra quando ouve a frase sexo, drogas e *rock’n’roll*?”. Foi possível verificar que todos rejeitaram a palavra drogas do lema, e alguns questionaram até mesmo o *rock*, sendo unanimidade a palavra sexo. O número seguinte trouxe uma pequena reportagem sobre um jovem que procurava

largar o vício das drogas, aconselhando a todos que jamais usassem qualquer uma delas.

O que se destacou em nossa leitura do material foi justamente a referência aos anos 60 contrastada pelas opiniões dos jovens de hoje, muito influenciados por outras preferências musicais, particularmente o RAP e o chamado pagode. É significativo que os jovens militantes tenham como referência os jovens “rebeldes” de 30 ou 40 anos atrás, usando-os até mesmo como exemplos, ao passo que a “base” está sintonizada em outras referências, muito distantes dos jovens “meia-oito”. Isso parece mais condizente com o perfil que algumas pesquisas vêm apontando sobre a postura da juventude contemporânea, mais pragmática, porém um tanto desnorteada, em busca de novos referenciais, e quando se reportam ao passado, aproximam-se mais de seus avós do que de seus pais quanto à moral (machista, conservadora etc.).

5 Jovens do passado e jovens do presente

Em que pesem os esforços de estabelecer maior aproximação entre os jovens metalúrgicos e a organização sindical, o que notamos em nosso estudo de campo foi o aumento de expectativas juvenis bastante distintas das de seus pais, os “jovens do passado”. Isso talvez ajude a explicar a dificuldade de comunicação que o sindicato encontra ao tentar falar com essa fatia de sua base social. Para verificar essas diferenças, optamos por gravar algumas entrevistas com jovens metalúrgicos na própria empresa, mais precisamente nas salas das comissões de fábrica. Teve fundamental importância, a contribuição dos diretores das Comissões de Fábrica (CF) e Comissões Sindicais de Empresa (CSE) para a seleção dos entrevistados, que contatavam os supervisores de seção para a liberação dos empregados.

Nosso roteiro de entrevista propunha as seguintes questões, para respostas abertas: opinião sobre trabalho/emprego; participação em alguma organização; opinião sobre a política (o que é e o que deveria ser); participação em alguma atividade do sindicato; idas à sede do sindicato; opinião sobre duas tarefas do sindicato; participação e opinião sobre greves; convivência e relação com os “veteranos”; se a função exercida é a mesma para o qual foi contratado; pretensão de mudar de ofício; profissão e naturalidade (inclusive dos pais).

Nossas primeiras sete entrevistas foram realizadas nas empresas Mercedes Benz do Brasil e

Volkswagen do Brasil, em seguida, mais quatro na Scania Latin America e sete na Ford do Brasil, com jovens de 20 a 24 anos (MBB) e 16 anos (VW), estes últimos alunos do Senai dentro da empresa, entre os quais duas garotas; no caso da Scania, na faixa etária de 21 a 24 anos; já na Ford, de 21 a 29 anos. Foram todos escolhidos aleatoriamente dentro do grupo já especificado. Realmente nos chamou a atenção o quesito “escolaridade”. Na Mercedes, todos eram universitários, cursando Administração de Empresas em escolas privadas; na Volkswagen, todos demonstraram interesse em cursar alguma faculdade; na Ford, havia três universitários (Matemática, Engenharia e Direito), três com ensino médio e apenas um com o primeiro grau complementado com o Senai, ao passo que na Scania todos estavam cursando uma universidade privada (Tecnologia, Engenharia e Ciências Contábeis). Alguns depoimentos coletados nessas entrevistas são bastante significativos acerca da visão desse jovem metalúrgico ante o mundo político, a atuação sindical e as alternativas político-sociais. Todos expressaram uma opinião (quase unânime sobre a chamada “opinião pública”) de ceticismo quanto às instituições públicas:

A coisa tá tão feia, tão medonha, que nem tem como falar [...] A gente vota numa pessoa confiando que ela vai fazer um bom governo e, passa o tempo, vem a corrupção” (E3 – Ford).

Eu acho que a política hoje é uma palhaçada, podia ser uma coisa mais séria, o cara levar mais a sério, que o cara tivesse consciência que é o país dele também [...] (E2 – MBB).

Eu considero que (a política) é um meio de ganhar dinheiro fácil hoje, muito roubo, muita maracutaia (E2 – VW).

Ao questionarmos sobre a relação com os trabalhadores veteranos, notamos todas aquelas características atribuídas ao choque de gerações, os mais experientes avessos às mudanças bruscas, ao contrário dos jovens, tratados como imaturos; o choque não chega às vias de fato, mas existe efetivamente. Isso se torna mais significativo quando lembramos que o “núcleo duro” da base do sindicato é composto justamente por esses veteranos:

As pessoas da minha idade, acredito que aceitam mais as coisas, são mais abertas, tem uma cabeça mais voltada para aceitar as mudanças. As pessoas mais velhas não, [...] você vai colo-

car, propor uma mudança pra essas pessoas, você tem a resposta [...] – ah, há mais de trinta anos já faço assim, então não pode mudar [...] (E1 – MBB).

[...] tem pessoas que aceitam, “ô legal, vem aqui, deixa eu te ensinar, vamos aprender” [...], mas tem uma boa parte que fica com a cabeça meio fechada – “ele tá aqui, vai roubar o meu lugar, por que ele tá aqui?” (E3 – MBB).

É, no início foi aquilo, o pessoal falava – “é, quando você nasceu eu já trabalhava aqui” – tal, mas aí o tempo foi passando e eu fui ganhando a confiança de todo mundo (E2-Ford).

Essa dificuldade de relacionamento intergeracional é acentuada principalmente pelas expectativas que eram partilhadas pelos antigos jovens (agora “veteranos”) e pelos atuais. Como discutimos em nosso trabalho, os jovens que se tornaram líderes sindicais nas jornadas de greves de 1978/1980. Eram, em sua maioria, migrantes que haviam aprendido uma profissão e possuíam forte identidade profissional. No horizonte deles, haviam experimentado uma ascensão social e sentiam orgulho de sua profissão (SANTOS, 2001, p. 121-123). No caso dos jovens entrevistados, as expectativas eram outras:

Bem, aqui na área mecânica é mais prá ter experiência mesmo, eu não quero ficar, assim, em mecânica mesmo, eu penso em uma área mais artística, tipo marketing, [...] alguma coisa prá lidar com computador (E4 – VW).

Sim, eu tenho essa pretensão de mudar de profissão [...], pretendo ser um administrador de empresas futuramente. [...] Porque eu me identifico com esse tipo de tarefa, de função [...]” (E1 – MBB).

Eu penso em mudar de área, pretendo fazer análise de sistemas agora. Não é uma mudança radical de empresa, mas acho que na área de mecânica assim, acho que não dá [...] (E3 – Scania).

Se essas gerações anteriores participavam das greves havia 30 anos, principalmente porque sentiam que eram eles que produziam a riqueza do país, e não recebiam esse reconhecimento, conver-

tendo essa revolta em identidade de classe, hoje esses jovens, filhos daquela geração (que, portanto, foram beneficiados pelas conquistas daquele período) não se sentem mais satisfeitos com a condição presente, estão alheios a uma identidade classista. Reconhecem as conquistas do passado {... mas nós metalúrgicos aqui do ABC devemos muito ao sindicato, principalmente de alguns anos atrás" (E1-MBB)}, mas o significado daquela identidade que "acendia o ânimo da peãozada" parece algo antediluviano, muito distante do horizonte juvenil atual.

6 Considerações finais

Este estudo possibilitou confirmar nossas hipóteses iniciais de trabalho, a saber: as instituições políticas consideradas tradicionais (partidos políticos, sindicatos, movimentos sociais) estão encontrando grandes dificuldades em estabelecer canais eficientes de comunicação com parcelas expressivas da população, particularmente com os jovens. Ainda que todas estejam investindo nessa interação, as profundas mudanças políticas e socioeconômicas das últimas décadas contribuíram para alterar as bases subjetivas dessa interação e os canais de comunicação anteriormente existentes. Utilizar uma linguagem que tenha como referência trabalhadores homens adultos, provedores do lar, orgulhosos de sua condição profissional e que haviam experimentado uma ascensão social não surte mais efeito nessa nova "geração ponto com", altamente escolarizada e que possui, no horizonte, a expectativa de transição para outra condição social, longe do "chão de fábrica".

É válido recordar as reflexões desenvolvidas por Sennett (1999) sobre aquilo que nomeou de consequências pessoais do trabalho no atual capitalismo, derivadas do novo formato do mercado de trabalho e dos processos produtivos. A sociedade da informática e da produção flexível procura abolir a rotina do trabalho e da vida das pessoas, aquela característica das sociedades tradicionais e mesmo das sociedades industriais regidas pelo fordismo. A regra é a inovação, adaptar-se rapidamente às novas condições de vida, que gera, contudo, um sentimento de deriva. Disso decorre que aspectos até pouco tempo considerados virtuosos, como habilidades específicas de uma determinada profissão, aprendizado por experiência de vida e sentimento de pertencer a uma "comunidade", são substituídos pela fixação ao sucesso. Para esse autor, o que está sendo questio-

nado nesse novo ambiente econômico é a idéia de uma ética do trabalho, tal qual nos foi apresentada por Max Weber em sua discussão sobre o espírito do capitalismo em sua fase de consolidação – no lugar das certezas de uma "carreira profissional", vê-se a busca desenfreada pelo aperfeiçoamento contínuo e por uma "reinvenção da experiência".

Certamente houve, nos últimos 30 anos, maior difusão dos novos valores liberais, e as consequências negativas para os diversos movimentos sociais e políticos foram notáveis, em que pesem todas as transformações infra-estruturais ocorridas no mesmo período. Só não compartilhamos das visões fatalistas do fim do sindicalismo, do associativismo político ou da fragmentação irreversível dos interesses coletivos, pois é preciso lembrar que o século XX foi ele próprio, a negação da lógica mercantil, funcionando *per se*, o que possibilitou a preponderância do movimento sindical no pós-guerra. Cabe aos dirigentes e militantes sindicais captar as alterações mentais e objetivas em curso e reconfigurar o modelo em busca de maior participação do conjunto dos trabalhadores, que definitivamente não é mais somente o do homem adulto provedor, que, sabemos, orientou a teoria e a ação de inúmeros militantes por várias gerações.

Assotiativism, generation and language: the case of the ABC Paulista metallurgist youth

The trade unions as traditional tools of assotiativism of the working class, are encountering more difficulties in communicating with their younger social basis, due to the changes in the world of working and in the forms of communication that the traditional political participation mechanisms adopt for the convocation processes. In this article, we will discuss the strategies used by the ABC Metallurgist Trade Union on the beginning of this decade as an answer to the distance between its coordination and the metallurgist youth, through a commission structured in the institution and composed by young workers, and the use of the metallurgist press with a renewed language.

Key words: Assotiativism. Institutional communication. Trade unionism. Youth.

Nota

- 1 Não vamos entrar aqui no debate sobre o impacto que os casos de corrupção atribuídos a dirigentes do Partido dos Trabalhadores desempenhou (ou não) nessa descrença na

militância tradicional, pois tais eventos ocorreram após nossa investigação inicial. Ainda sim, podemos supor aqui que, mesmo que tais eventos não tivessem ocorrido, a dificuldade de comunicação e o “estranhamento” entre jovens e esses canais tradicionais de atuação política teriam de todo modo evoluído nos últimos anos, sendo esse caso apenas um entre tantos outros que confirmariam tal distanciamento citado.

Referências

- AVRITZER, L.; RECAMÁN, M.; VENTURI, G. “O associativismo na cidade de São Paulo”. In: AVRITZER, L. (Org.). *A participação em São Paulo*. São Paulo: Unesp, 2004.
- BOITO Jr., A. Reforma e persistência da estrutura sindical. In: BOITO Jr., A. (Org.). *O sindicalismo brasileiro nos anos 80*. Rio de Janeiro: Paz E Terra, 1991.
- CATTANI, A. D. *Trabalho e autonomia*. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.
- GRISSET, A., KRAVETZ, M. *Sindicalismo e movimento revolucionário nos movimentos estudantis. Sociologia da Juventude IV – Os movimentos juvenis*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.
- O PULSO. Página 4 da *Tribuna Metalúrgica*. Publicação da Comissão de Jovens do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC. n. 1, 1997; n. 2, 1998; n. 3, 1998; n. 4, s/d; n. 5, 1998; n. 6, 1998.
- POLANYI, K. *A Grande Transformação – As origens de nossa época*. Rio de Janeiro, Editora Campus, 1980.
- RIBEIRO, E.; LANES, P. *Diálogo nacional para uma política pública de juventude*. Rio de Janeiro: IBASE; São Paulo: Pólis, 2006.
- RODRIGUES, L. M. *Destino do Sindicalismo*. São Paulo, Edusp: Fapesp, 1999.
- SANTOS, A. *Debutantes e outsiders – Juventude metalúrgica e sindicato no ABC Paulista*. Dissertação. (Mestrado)- Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.
- SEMINÁRIO DA JUVENTUDE. *Resolução*. Congresso do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, 3. 8 abr. 2000 (mimeo).
- SENNETT, R. *A corrosão do caráter – consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- SINGER, P. *Uma utopia militante – Repensando o socialismo*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- WEFFORT, F. Participação e conflito industrial: Contagem e Osasco, 1968, *Caderno Cebrap*, n. 5, 1972.

recebido em 27 abr. 2008 / aprovado em 29 maio 2008

Para referenciar este texto:

SANTOS, A. dos. Associativismo, geração e linguagem: o caso da juventude metalúrgica do ABC Paulista. *Cenários da Comunicação*, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 47-55, 2008.

